



A representação dos bebês e maternidade em situações de privação da liberdade em reportagens vinculadas à mídia, no período de 2017 a 2018.

Isabel Brustolin*, Gabriela G. Tebet.

Resumo

O estudo buscou analisar reportagens da mídia, divulgadas na internet, entre o período de 2017 a 2018, como apresenta-se em seus conteúdos a representação dos bebês e da própria maternagem, ao relatar as situações que envolvem a privação da liberdade. Observa-se como os discursos reproduzem papéis sociais estabelecendo um conjunto de padrões e comportamentos para as mulheres privadas de liberdade e seus filhos. As mulheres encarceradas, acabam sofrendo a penalidade da relação com seus filhos, seja dentro ou fora do sistema prisional brasileiro. Ao mesmo tempo, que a amamentação é vista como um elemento fundamental para o bebê, as instituições prisionais são relatadas por suas condições precárias. A permanência do vínculo materno apresenta-se tutelado pelo Estado, como também, o papel da mãe é visto principalmente por sua função de nutriz.

Palavras-chave:

Maternidade, bebês, privação de liberdade.

Introdução

A partir da criação das primeiras cadeias femininas brasileiras, esperava-se que as mulheres seriam ressocializadas em condutas esperadas, como do cuidado, já que o amor materno sendo considerado natural por essa sociedade despertaria a compaixão e fragilidade¹. Papéis sociais que ainda enquadram a mulher privada de liberdade não sendo uma boa mãe, além de ser vista enquanto uma oportunidade para a mulher dedicar-se a tal. Além disso, as relações de controle e disciplina que permeiam a vida dos bebês e crianças oriundos de mães encarceradas.

Reconhecendo o papel da mídia, devido ao seu caráter influenciador de opinião, o trabalho buscou analisar reportagens, veiculadas na internet, para compreender os discursos presentes em relação ao tema.

Resultados e Discussão

O desenvolvimento do estudo previu pesquisa bibliográfica qualitativa, a partir de um diálogo com a análise do discurso de Foucault³ como possibilidade de método de pesquisa. Com ela, visou um estudo de um conjunto de reportagens, veiculadas entre 2017 a 2018, buscou-se compreender falas individuais e coletivas, dentro de uma perspectiva social, sobre a temática.

Analisou-se seis reportagens, a seguir um trecho de uma reportagem estudada em nossa pesquisa:

Para cumprir a lei, as penitenciárias femininas devem contar com espaços adequados para as mulheres nessas situações, normalmente, uma ala reservada para mulheres grávidas e para internas que estejam amamentando. Além disso, a criança tem o direito a ser atendida por um pediatra enquanto estiver na unidade. As visitas do CNJ aos presídios femininos têm constatado que o acesso à assistência médica continua um problema ainda a ser solucionado.

"Nosso problema aqui não são maus tratos ou superlotação, mas a falta de cuidados médicos. Minha gestação se transformou em arriscada porque tive muitas infecções que não foram curadas de maneira correta. E não há pediatras para os bebês. Somente auxiliares de enfermagem", afirma uma interna, sem querer se identificar.

Figura 1. Brasil grávidas ou lactantes em presídios²



Conclusões

A análise das reportagens apresenta os bebês invisibilizados em suas potencialidades, atribui-se a preocupação principal à amamentação, em contrapartida, ficam a mercê das instituições prisionais apresentadas pelas condições precárias, limitando um espaço amplo para a garantia do desenvolvimento integral dos bebês. Além disso, sua origem já demarca-se enquanto motivo de preocupação social e econômica para que não cometam as mesmas ações que levaram ao encarceramento de seus genitores, estereotipando-os e impondo um papel social antes mesmo da constituição de suas identidades.



Figura 2. No Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, em Vespasiano (MG)²

Agradecimentos

Ao CNPq, pela bolsa concedida, e à Profa. Dra. Gabriela Tebet, pela orientação e ternura.

¹ANGOTTI, Bruna. Entre as leis da Ciência, do Estado e de Deus: o surgimento dos presídios femininos no Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade São Paulo, São Paulo, 2011.

²BANDEIRA, Regina; ANDRADE, Paula. Brasil tem 622 grávidas ou lactantes em presídios. Agência CNJ de Notícias. 25 de janeiro de 2018.

³BENGTSON, Clarissa G.; LUIZ, Maria Cecília; SILVA, Flávio Caetano da. Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas. Revista eletrônica de educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCAR. V. 13, nº 2, São Carlos - SP, 2019. P. 425-437.

⁴HASHIMOTO, Érica Akie; GALLO, Janáina Soares. Maternidade e Cárcere: um olhar sobre o drama de se tornar mãe na prisão. In: Revista Liberdades - nº 9 - janeiro/abril de 2012 I Publicação Oficial do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. £